



Arte/Cinema

do abismo de um sonho a outras histórias

ALFREDO NICOLAIEWSKY

Organização:

Nara Cristina Santos UFSM

Alfredo Nicolaiewsky UFRGS

Ana Ligia Becker MIS-SC

PPGART
editora



Arte/Cinema

do abismo de um sonho a outras histórias

ALFREDO NICOLAIEWSKY

Catálogo da exposição online realizada no MIS-SC
de 04 a 30 setembro de 2020.

A786 Arte/Cinema [recurso eletrônico] : do abismo de um sonho a outras histórias Alfredo Nicolaiewsky / organização: Nara Cristina Santos, Alfredo Nicolaiewsky, Ana Ligia Becker. – Santa Maria, RS : Ed. PPGART, 2020.

1 e-book : il.

ISBN 978-65-88403-00-6

1. Arte 2. Cinema 3. Nicolaiewsky, Alfredo – Exposição Arte/Cinema I. Santos, Nara Cristina II. Nicolaiewsky, Alfredo III. Becker, Ana Ligia

CDU 7.036

791.43

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte CRB-10/990
Biblioteca Central - UFSM

REALIZAÇÃO

LABART


PPGART
Mestrado em Artes Visuais
UFSM



 Fundação
Catarinense
de Cultura

GOVERNO DE
SANTA CATARINA

Equipe

Catálogo

Organização: Nara Cristina Santos LABART/PPGART/UFSM, Alfredo Nicolaiewsky UFRGS e Ana Ligia Becker MIS-SC

Obras: Alfredo Nicolaiewsky UFRGS

Revisão: Natascha Carvalho

Projeto Gráfico e Diagramação: Ana Luiza Martins LABART/UFSM

Exposição

Curadoria: Nara Cristina Santos LABART/PPGART/UFSM

Assistência Curatorial: Natascha Carvalho e Ana Luiza Martins LABART/UFSM

Design Gráfico: Moysés Lavagnoli MIS-SC

Trilha Sonora: Nina Nicolaiewsky

Locução: Ana Ligia Becker MIS-SC

Edição de vídeo: Ana Luiza Martins LABART/UFSM

Edição de som: Rodrigo Herd MIS-SC

Sumário

Institucional MIS-SC.....	5
O que me move.....	7
Arte/Cinema.....	11
Obras.....	14
Notas biográficas.....	43

Institucional MIS - SC

Ana Ligia Becker

O Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina (MIS/SC) tem como missão promover e difundir a produção artística audiovisual. A situação de isolamento social, inusitada em nossa história, propiciou uma parceria inédita: nos unimos ao Laboratório de Pesquisa em Arte Contemporânea, Tecnologia e Mídias Digitais (LABART) do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) para produzir a primeira exposição virtual de Alfredo Nicolaiewsky, disponibilizada no Facebook do Museu.

Nesse momento, no qual as instituições museais de todo mundo buscam alternativas para sua atuação, propomos Arte/Cinema: do abismo de um sonho a outras histórias. A curadoria de Nara Cristina Santos, com a assistência de Natascha Carvalho e Ana Luiza Martins, partiu da obra de Nicolaiewsky, artista gaúcho de longa trajetória, propondo um diálogo com a equipe do MIS/SC.

Assim, acabamos por produzir uma exposição que muito nos orgulha. Acreditamos que o formato adotado é uma das possibilidades atuais para continuarmos a oferecer a arte e a cultura aos nossos públicos. Cremos que, assim, estamos atentos às necessidades institucionais e, ao mesmo tempo, atendendo a nossa tarefa primordial que é estimular a criação e dar visibilidade à produção artística contemporânea.

O que me move¹

Alfredo Nicolaiewsky

Juntar imagens é o meu procedimento usual há alguns anos. E, nesse espaço de tempo, procuro imagens que, saídas do cinema, retiradas de suas histórias, de seus contextos e associadas a outras, oriundas de outros filmes, ou aquelas que eu mesmo produzo, ao se encontrarem, produzam ruído. Algumas vezes, nada acontece no choque. Outras vezes, saem faíscas, como quando se atritam duas pedras, no contato entre elas. São essas pedras que procuro.

Imagens, sensações e tempo que se encontram, que se fundem e se chocam. Imagens congeladas que ganham vida neste embate, entre si e com o nosso olhar. Sou como o Dr. Frankenstein que junta pedaços de corpos para criar um novo ser. Mas sempre corro o risco de que as imagens fiquem para sempre sem vida e que, das uniões dos pedaços, surjam apenas monstros. É a sina dos que se propõem a criar: nunca ter a certeza de alcançar seus objetivos. Mas é preciso sempre tentar.

¹ Este é um trecho, condensado e com alterações, do texto publicado no livro “Alfredo Nicolaiewsky e A Ira de Deus: suas prequelas e sequelas” (Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017).

Analisando toda minha trajetória, é possível perceber alguns procedimentos que me movem. Em primeiro lugar: a apropriação de imagens. Há muitos anos, desde 1983, venho tirando partido desse procedimento. Desde 1993, a utilização de imagens produzidas por outros transformou-se numa verdadeira obsessão, tornando-se, praticamente, meu único material de trabalho. Porém, a partir de 2016, no conjunto de obras aqui apresentado, consigo novamente associar imagens criadas por mim.

O segundo procedimento que utilizo é a justaposição de imagens. Ocorre há quase vinte e cinco anos, e também nos últimos tornou-se, praticamente, meu único modo de criar. O porquê do uso destes procedimentos, não sei dizer. Não é algo lógico, racional. Apenas sei que é assim que acontece. Deixaremos, pois, essa questão como um enigma em suspensão.

Parece-me então que não se trata exatamente da criação de obras com um clima dramático ou trágico. Mais do que isto, acredito que o tema é a criação de obras com muitas possibilidades de leituras. O fato dos trabalhos, mesmo apresentando uma possibilidade narrativa, não terem uma história definida a ser lida, lhes dá uma impossibilidade de entendimento completo, revelando seu caráter dúbio, enigmático, tenso.

Poderia aqui aventar a hipótese de estar de alguma forma, simbólica ou metafórica, refletindo sobre a situação que o Brasil vive nos últimos anos – a produção do conjunto dos trabalhos aqui apresentados coincide temporalmente com a crise sócio-política e ética que se abalou sobre o País. Não excluo esta possibilidade, porém poderia agregar uma outra, que seria mais pessoal. Hoje, aos sessenta e oito anos, tenho uma visão e uma percepção do mundo profundamente diferente da que tinha aos trinta ou quarenta anos: mais realista, mais pessimista, mais desesperançada, onde fica mais evidente a dificuldade de entender o mundo e de aceitar as perdas.

Um caráter enigmático pode, então, eventualmente estar contido em uma fotografia, mas, na maior parte das obras, ele surge da relação entre as imagens, do choque que se estabelece entre elas. Diante desses trabalhos, o espectador não estará como Édipo diante da esfinge, que lhe apresentava um enigma que ele deveria decifrar para não ser devorado. Diante das obras, o espectador poderia se comportar como as personagens de uma pequena história que extraí dos Cahiers du Cinema²:

² DUBROUX, Daniele. Les explorations du Capitaine Ruiz. Cahiers du Cinéma, Paris, n.345, mar. 1983, p.31.

Durante a semana dos Cahiers du cinema, eu encontrei por acaso um velho amigo meu que estacionava, hesitante, na frente do "Olympic Saint-Germain".

Eu o aconselhei com muito entusiasmo a ir ver "Les Trois Couronnes du Matelot" e os outros filmes de Raúl Ruiz que estavam programados.

Ele me disse com arde sofrimento:

- Adoro Ruiz, realmente adoro, mas confesso, não entendo nada.

Eu respondi:

- Mas não tem importância. Para que tentar entender?

Arte/Cinema

Nara Cristina Santos

A exposição Arte/Cinema: do abismo de um sonho a outras histórias inaugura um modo diferente de exibição das obras de Alfredo Nicolaiewsky. A produção da mostra é uma parceria do MIS-SC com a curadoria do LABART/PPGART/UFSM, para disponibilização online dos trabalhos no Facebook. Nada mais apropriado, para não dizer necessário, em tempos de contato reduzido firmado por nós, em função da Covid-19 e em prol da saúde de todos.

O título da exposição, elaboração conjunta entre artista e curadoria, toma emprestado o título do filme *Abismo de um Sonho* (1952), dirigido por Federico Fellini. Ao todo, são expostas dez obras: um vídeo, primeira experiência do artista, traz cenas de filmes e trailers preto e branco com sobreposições originais das imagens, adaptadas da narrativa cinematográfica para a linguagem videográfica; e nove imagens digitais, que estão publicadas no seu livro, *A Ira De Deus – suas prequelas e sequelas* (2017).

Sequelas, sequências de três imagens apropriadas, cortadas, justapostas e montadas que lembram a configuração inicial de um tríptico, são retiradas de seu contexto original, na sua maioria fílmico, e associadas umas às outras, incluindo as fotografias do próprio artista. Não há referência à fonte das apropriações, nem interesse do artista em divulgá-las, o que revela na autoria uma sutileza criadora investida de profanidade.

As obras se organizam como uma composição cinematográfica, a partir da concepção de montagem, de imagens sequencialmente configuradas na horizontal, com quadros fechados e abertos, pontos focais, profundidade, closes e planos, que em cada cena pulsam de modo inquietante para propor alguma narrativa.

Em cada trabalho, essa inquietação é provocada também pela associação temática das cenas mais ou menos contrastantes: seja tanto pela justaposição espaço-temporal das imagens captadas de distintos contextos; quanto pela dissociação gerada de imagens em constante embate; ou, ainda, por aquilo que o artista define como “faíscas”, resultantes do que ele procura encontrar no choque [conceitual] das imagens.

Nesta exposição Arte/Cinema, potencializa-se o impacto e o encontro. Não apenas como zona de passagem entre corte e montagem, imagem e sentido, mas também como espaço-tempo do acontecimento poético. As obras aproximam o espectador tanto da tensão e da angústia do abismo de um sonho, quanto da profundidade de outras histórias, seja através de uma construção mental, de uma dimensão imaginária, ou uma experiência sensível.

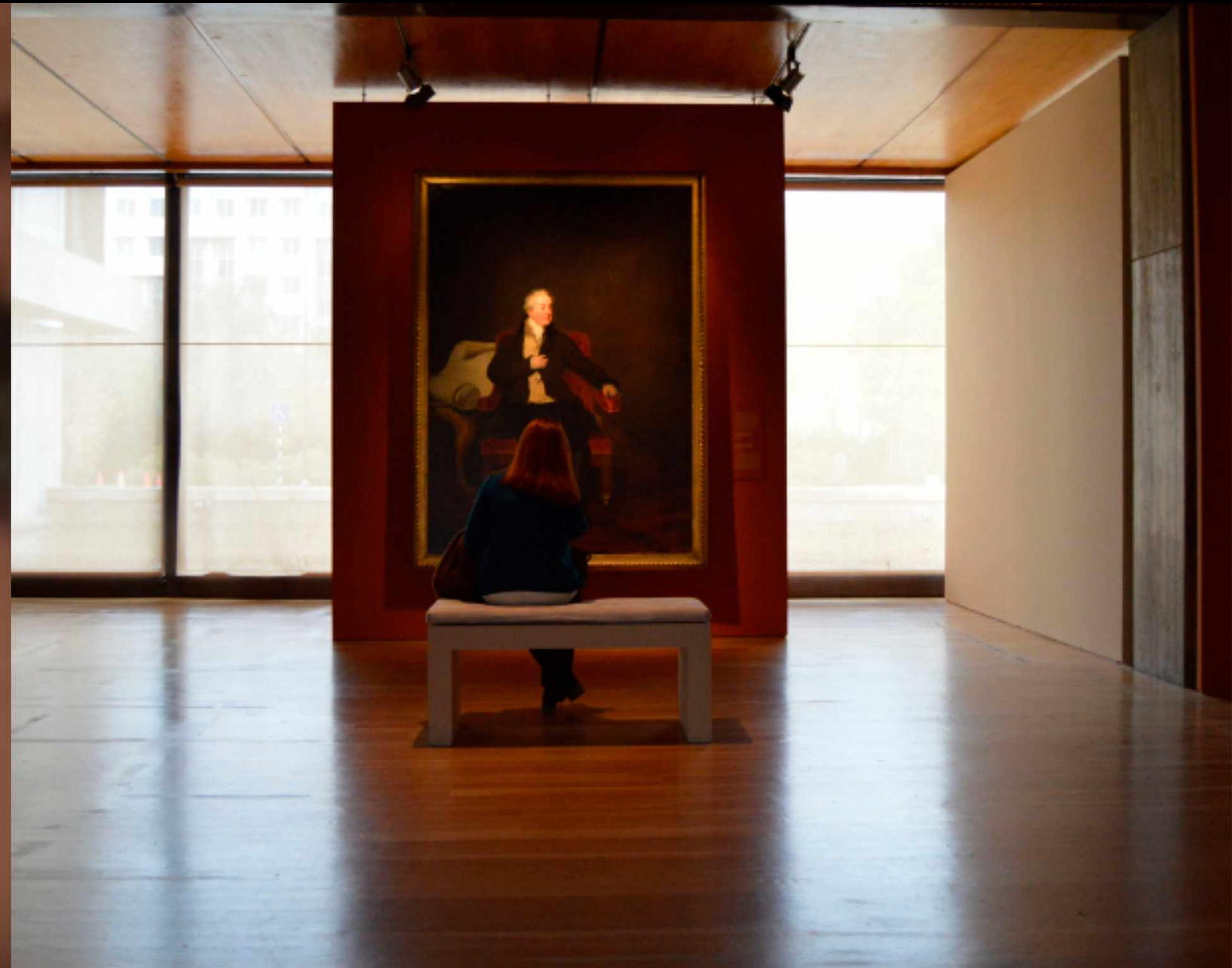
A Ira de Deus – Sequela nº2 (2016)

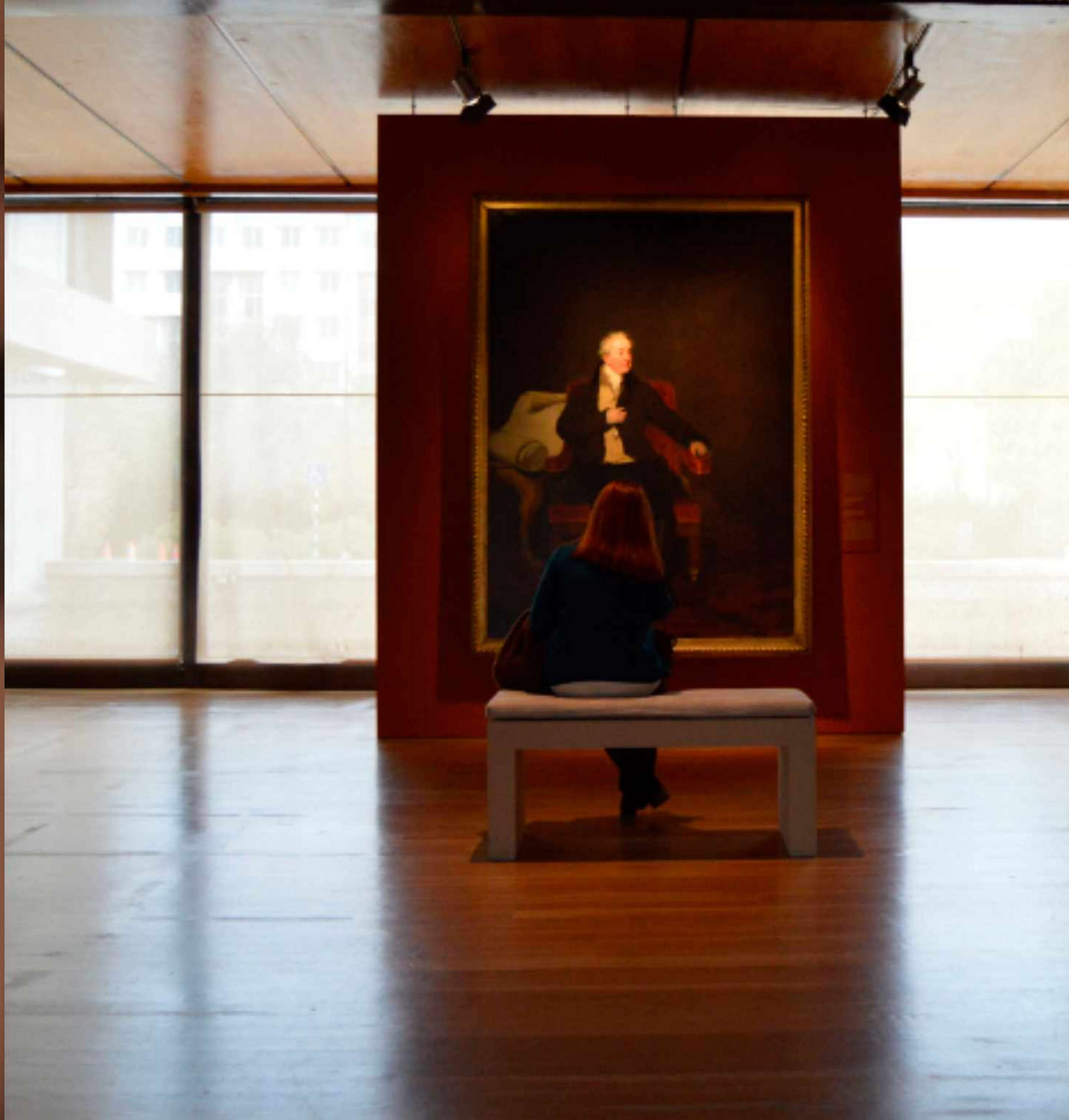
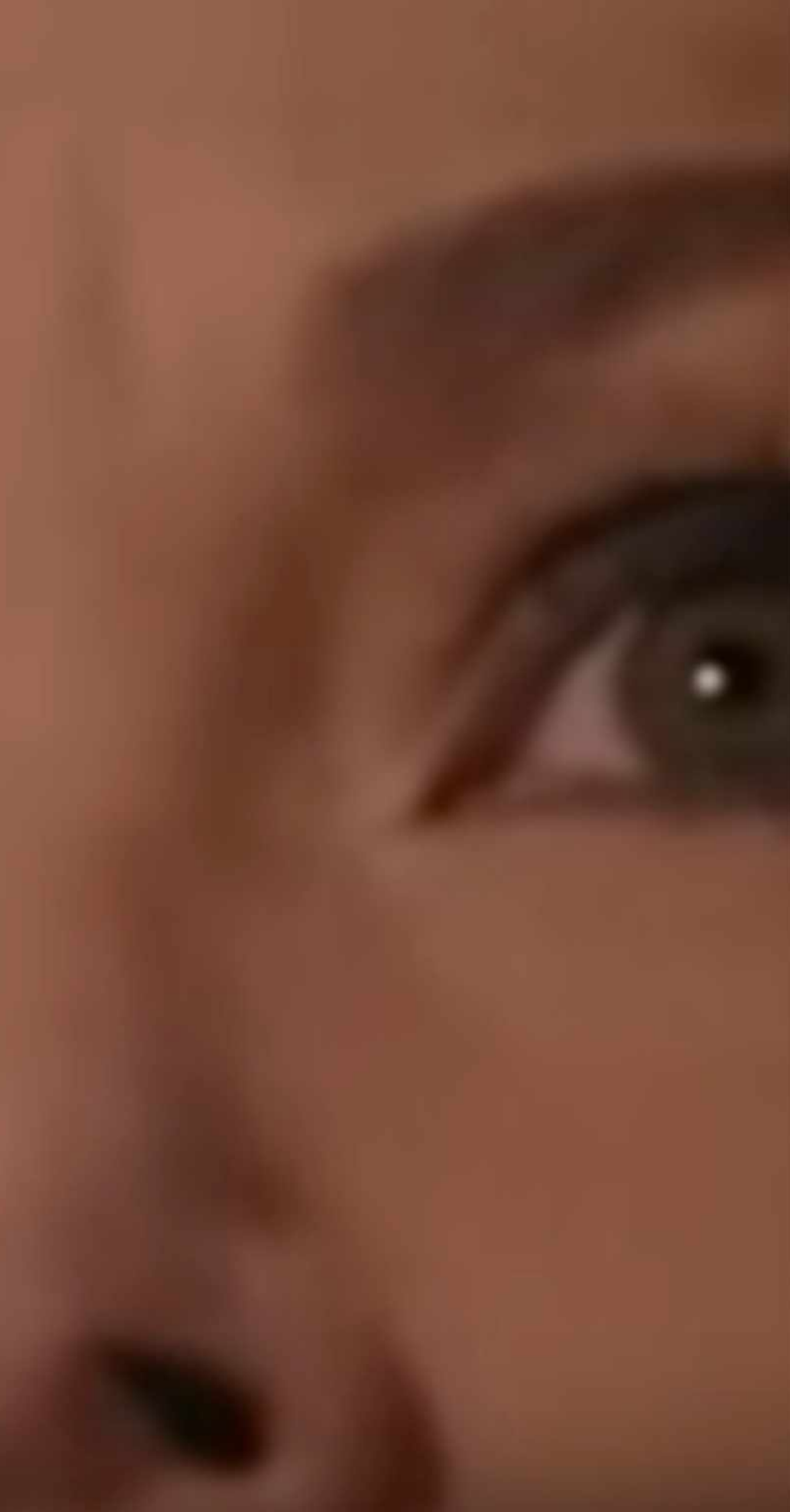
ALFREDO NICOLAIEWSKY



Imagem digital, 50 x 149cm

A obra que inaugura esta exposição surpreende na montagem das cenas ao articular planos e cortes próprios de uma composição cinematográfica. A imagem das tulipas vibrantes de feminilidade e erotismo, no plano fechado, contrasta tanto com o olhar aflito da personagem em close, no plano subjetivo, quanto com a silenciosa cena de uma espectadora diante do quadro, em profundidade de campo. As imagens justapostas geram associações sempre instigantes para outras histórias.





A Ira de Deus – Sequela nº5 (2016)

ALFREDO NICOLAIEWSKY



Imagem digital, 50 x 162cm

O plano panorâmico da fria paisagem ambiente, no ponto focal da cena, um acontecimento estranho. As figuras em close, da escultura e da mulher, cujo o corte e a luminosidade as contrapõem na imagem, parecem testemunhar com assombro o que ocorre entre o silêncio e o abandono. O tempo suspenso pulsa na obra de uma cena para outra, e revela uma densidade no olhar das personagens que as transcende em seus medos e desejos ocultos.





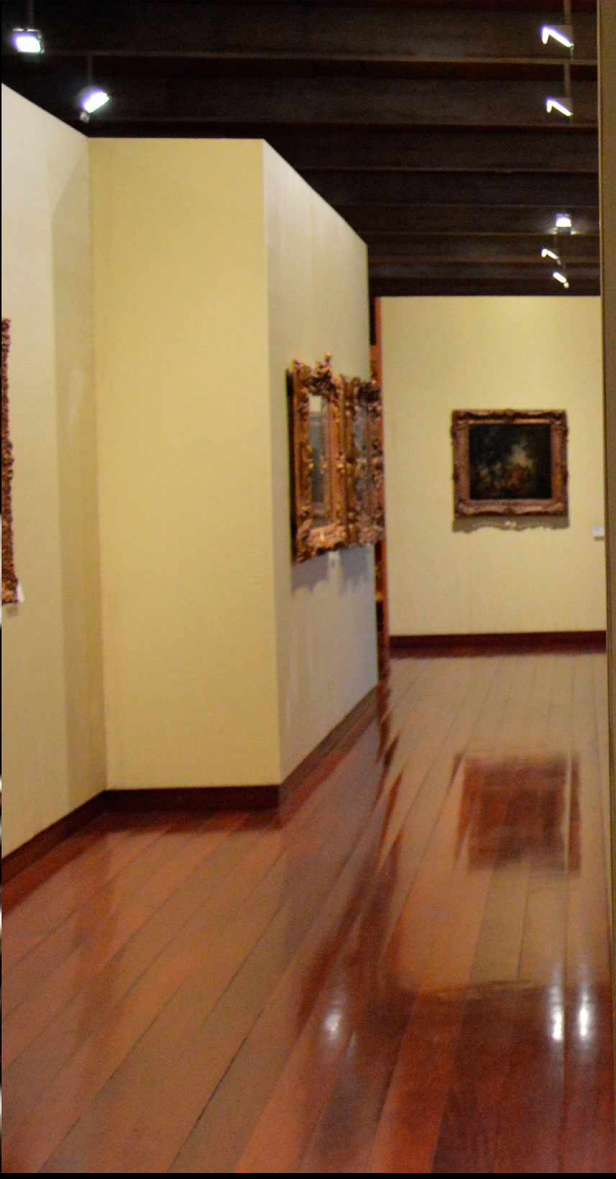
A Ira de Deus – Sequela nº14 (2016)

ALFREDO NICOLAIEWSKY



Imagem digital, 50 x 164cm

A cena da Pietà desvelada no contraste dramático de luz e sombra dialoga com a cena do rosto sereno em close, fragmentos opostos - ambas apropriadas de filmes em preto e branco. No centro, a fotografia traz, no mesmo espaço do museu, uma vibração, entre a profundidade e o plano, definida pelo corte da cena. Na sequência de fases, a vida se esvai no corpo do Cristo, o movimento anima a escultura da criança e a vida madura observa, no cenário introspectivo, o que resta. Preservação e Arte.





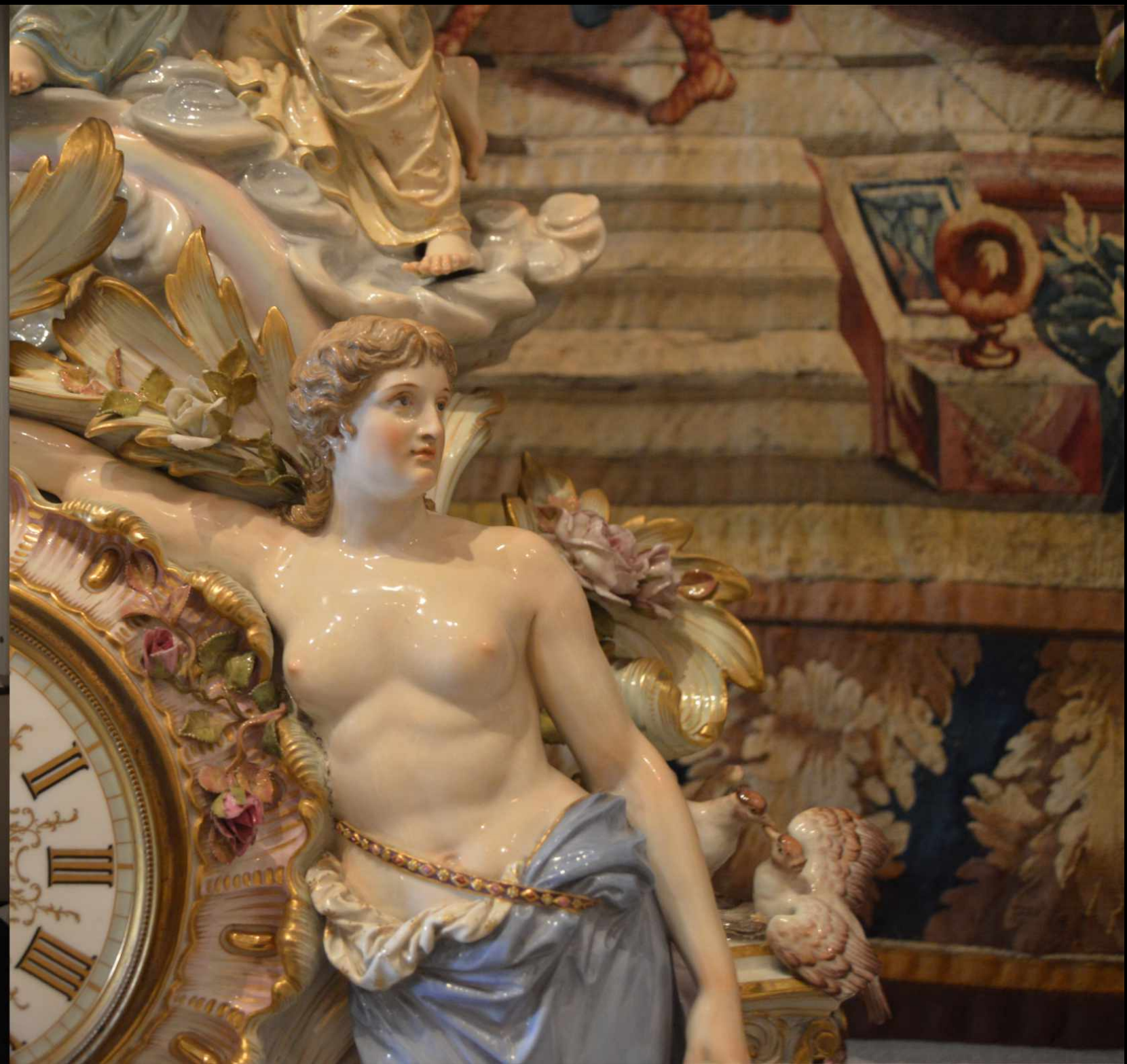
A Ira de Deus – Sequela nº15 (2016)

ALFREDO NICOLAIEWSKY



Imagem digital, 50 x 123cm

A obra sugere um espaço intimista. Os personagens à esquerda em plano de dois, mais fechado, insinuam uma tensa proximidade e esquiva, entre o domínio e a indecisão. Esta cena na penumbra opõe-se à outra, iluminada, no ambiente do requinte escultórico, mas ambas estão no mesmo plano médio exibindo os corpos, a exalar erotismo e feminilidade. A imagem central tem na profundidade do espaço o elo, da dimensão carnal e sensual, que as une e as separa.





A Ira de Deus – Sequela nº19 (2016)

ALFREDO NICOLAIEWSKY

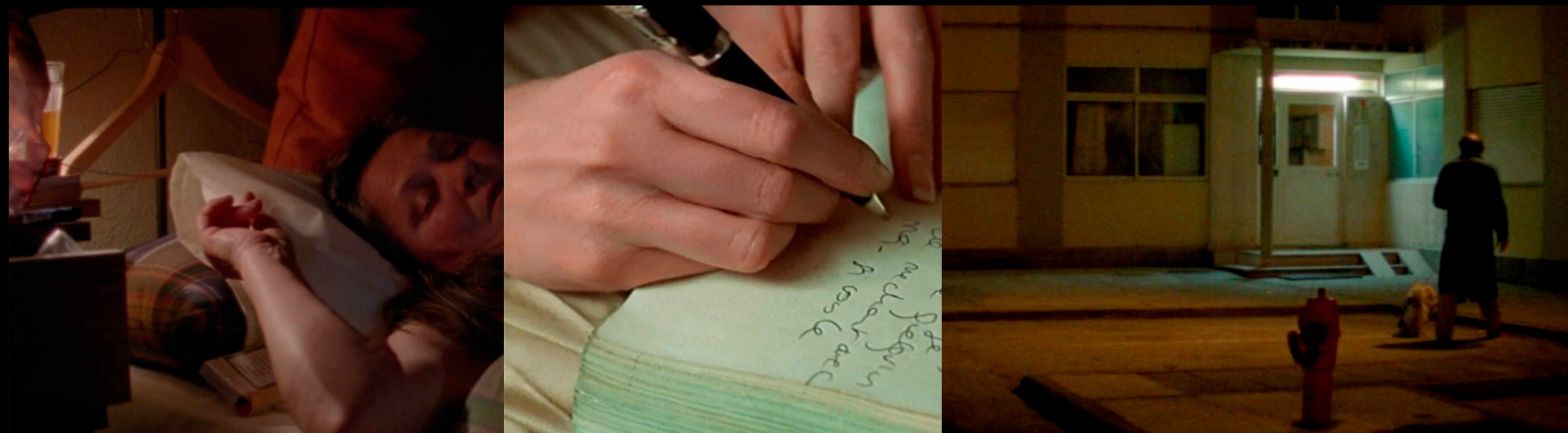
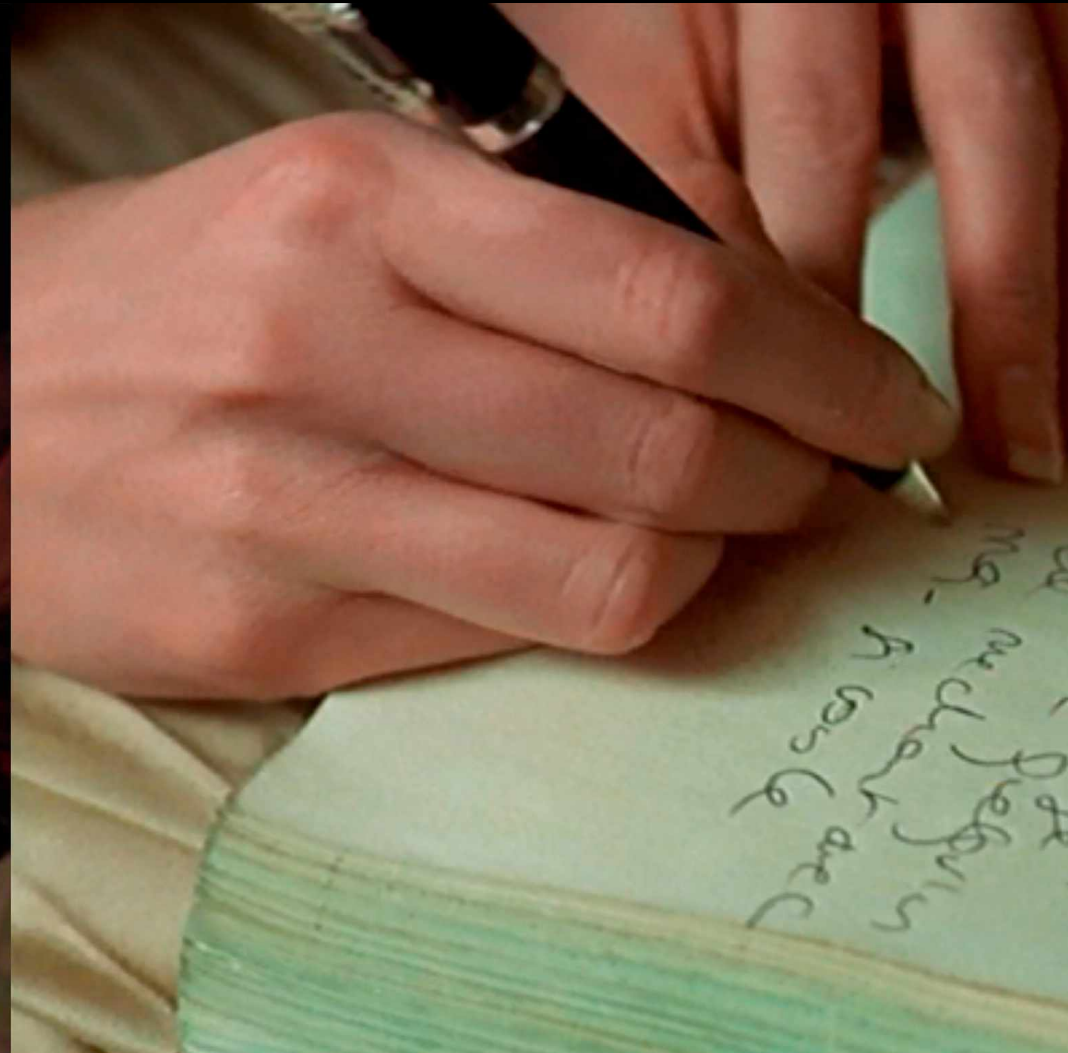


Imagem digital, 50 x 182cm

A displicência do gesto em repouso colabora para o plano subjetivo da cena. Em close macro, a mão revela a dinâmica da escrita, que se contrapõe tanto ao corpo feminino inerte, quanto ao corpo masculino em deslocamento, ambos insinuados à meia luz, em tom sépia. O foco central da obra inscreve no presente solitário dos personagens, como uma temporalidade suspensa. Seja ela resultante de uma narrativa do passado ou do futuro dos acontecimentos.





the
prepu
me
me

A Ira de Deus – Sequela nº27 (2016)

ALFREDO NICOLAIEWSKY



Imagem digital, 50 x 180cm

Neste tríptico, um detalhe do gesto feminino reaparece em close na obra; contrasta com a intensa violência na arrebentação da onda, em plano fechado, e com a cena tranquila dos personagens no museu diante do “Naufrágio de um Cargueiro”, obra de Turner. Na montagem, as cenas evidenciam as forças da natureza, sob as quais não se tem domínio. Ambientado como ponto focal na imagem, um pequeno quadro, o retrato de uma mulher, torna-se um porto seguro para descansar o olhar.





A Ira de Deus – Sequela nº29 (2016)

ALFREDO NICOLAIEWSKY

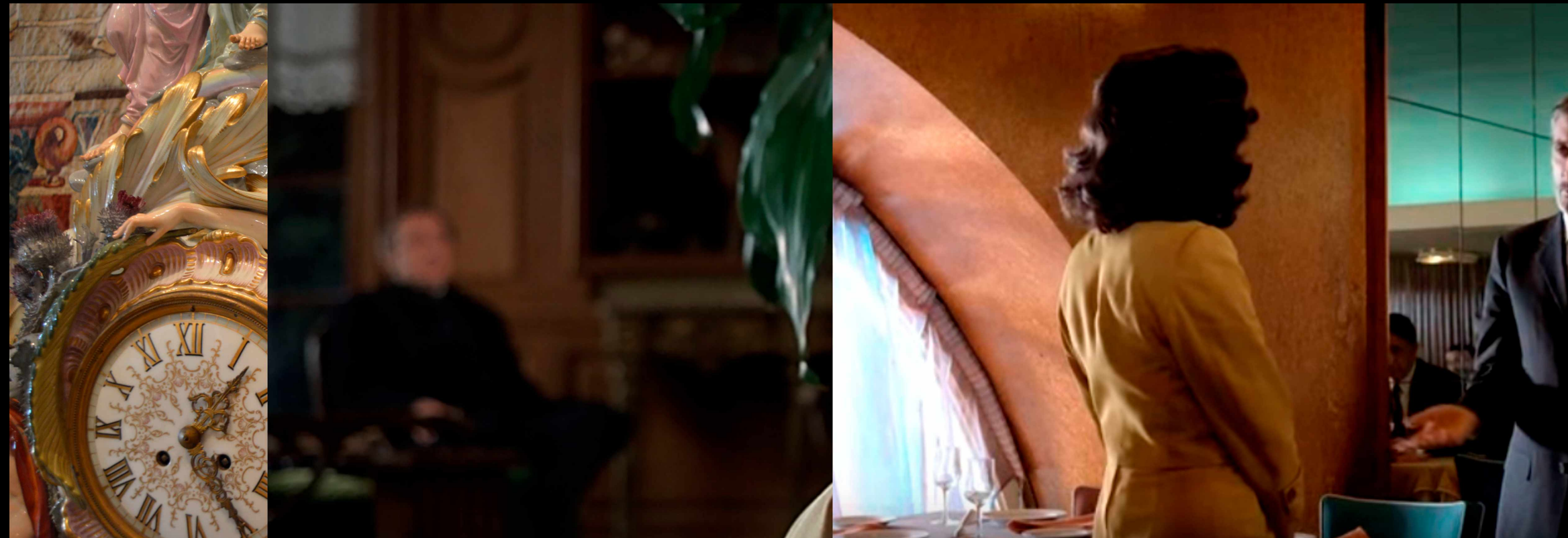


Imagem digital, 50 x 146cm

O fragmento da imagem de um relógio, que reaparece em close nesta obra, marca a sequência de tempos estranhos. Na montagem, a temporalidade é revelada tanto na espera suspensa da cena desfocada, quanto no instante paralisado do diálogo, em plano de dois. A circularidade sugerida na composição aproxima o espaço-tempo dos acontecimentos, definidos como episódios de uma narrativa silenciosa, envolta em mistério, conflitos internos e indiferença.





A Ira de Deus – Sequela nº32 (2016)

ALFREDO NICOLAIEWSKY



Imagem digital, 50 x 179cm

O plano de ambientação revela, no espaço urbano silencioso, a proximidade e o distanciamento das cenas intimistas que pulsam nas bordas opostas da imagem. Tanto a cena da mulher iluminada por um fecho de luz fria, em close médio, quanto a do homem no ambiente à meia-luz quente, em plano médio, têm os corpos, gestos e olhares direcionados para fora da obra. Entre a solidão e o abandono, entre a espera e o encontro, uma fuga para qualquer lugar.





A Ira de Deus – Sequela nº36 (2016)

ALFREDO NICOLAIEWSKY



Imagem digital, 50 x 175cm

A sequência das imagens noturnas confirma a solidude do personagem, tanto em relação ao espaço da intimidade doméstica em meia-luz, quanto ao cenário público da rua vazia e pouco iluminada. Na cena central, em preto e branco, um homem observa um grupo de pessoas, em pequena profundidade de campo. O plano sobre o ombro do personagem direciona o olhar para a cena desfocada, revelando o isolamento indesejado.

Textos Imagens: Nara Cristina Santos





No abismo de um sonho (2005/2020)

ALFREDO NICOLAIEWSKY



Vídeo experimental, 3 min e 19 seg

O artista se apodera de recortes, montagens e justaposições em sua primeira atuação no vídeo experimental. As cenas de filmes e trailers preto e branco, das décadas de 1940 e 1950, foram capturadas a partir de DVDs em 2005, como sobreposições originais das imagens para disposição em sequência no vídeo. Elas são apropriadas, da narrativa cinematográfica para a linguagem videográfica, em uma associação não linear de início, meio e fim. Este vídeo incorpora diferentes cenas com intervalos que sugerem uma narrativa tensa e inquietante, tanto pela temporalidade suspensa quanto pela sequencialidade corrompida dos planos. A trilha sonora, produzida para esta obra, valoriza sua natureza audiovisual.

Texto Vídeo: Nara Cristina Santos, Natascha Carvalho e Ana Luiza Martins



Notas biográficas

Nara Cristina Santos



Pós-Doutorado em Artes Visuais UFRJ (2012-2013). Doutora em Artes Visuais UFRGS (2004) e Doutorado Sanduiche na Paris VIII, França (2001). Mestre em Artes Visuais UFRGS (1997). Professora DAV/CAL/UFSM (1993-), no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais/PPGART e na Graduação em Artes Visuais. Coordenadora do PPGART (desde sua implementação em 2007 até 2011). Pesquisadora em História, Teoria, Crítica e Curadoria na Arte Contemporânea, com ênfase transdisciplinar em Arte, Ciência e Tecnologia. Lidera o grupo Arte e Tecnologia CNPq e coordena o Laboratório de Pesquisa em Arte Contemporânea, Tecnologia e Mídias Digitais LABART/UFSM (2005-). Integra CBHA e a ANPAP.

E-mail: naracris.sma@gmail.com

LABART/UFSM ufsm.br/labart | facebook.com/labart1228

PPGART/UFSM ufsm.br/ppgart | instagram.com/labart.ufsm

Alfredo Nicolaiewsky



Pós-doutorado (Estágio Sênior) CIEBA - Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes, na FBAUL - Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa/Portugal (2015/2016). Doutor em Artes Visuais - Poéticas Visuais, pelo PPGAV/UFRGS (2003), doutorado-sanduíche na Université de Paris I - Panthéon Sorbonne (2002). Mestre em Artes Visuais - Poéticas Visuais, pelo PPGAV/UFRGS (1997). Graduado pela Arquitetura e Urbanismo pela UFRGS (1976). É professor associado no Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Desenho, atuando principalmente nos seguintes temas: apropriação, justaposição, memória, desenho e mestiçagem. Desenvolve atualmente produção plástica em imagens digitais e fotografia. Foi diretor do Instituto de Artes da UFRGS (2006-2014).

E-mail: alfredo.nicolaiewsky@gmail.com
gestual.com.br/art/alfredo_nicolaiewsky.htm

Ana Ligia Becker



Graduada em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UFRGS. Atua no setor artístico e cultural desde 2003 como produtora, educadora e gestora. Atualmente, é administradora do Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina, onde desempenha a curadoria de exposições e coordena uma série de outros projetos, ações e eventos do museu. Sob sua coordenação estão, também, o Cinema do CIC, o Edital Prêmio Catarinense de Cinema e o Edital #SCulturaemSuaCasa.

E-mail: mis@fcc.sc.gov.br

Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina:
cultura.sc.gov.br/espacos/mis

REALIZAÇÃO

LABART

